



**Estratégias e espaços educativos no âmbito do Núcleo de Agroecologia e
Campesinato – UFRPE**

Jorge Luiz Schirmer de Mattos¹

Jorge Roberto Tavares de Lima²

Francisco Roberto Caporal³

José Nunes da Silva⁴

Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos⁵

Danilo César Freire Silva⁶

Filipe Bezerra dos Santos⁷

Sebastião André Barbosa Júnior⁸

Rosane Suellen de Oliveira⁹

Edejane Martins de Souza¹⁰

Aldoberison José Paulino da Silva¹¹

Caio Meneses Cabral¹²

¹ Professor, NAC/UFRPE, js-mattos@uol.com.br

² Professor, NAC/UFRPE, jorgetvs@hotmail.com

³ Professor, NAC/UFRPE, caporalfr@gmail.com

⁴ Professor, NAC/UFRPE, zenunes13@yahoo.com.br

⁵ Professora, NAC/UFRPE, gilvania.ov@hotmail.com

^{6, 7, 8, 9, 10, 11, 12} Bolsistas, NAC/UFRPE

Introdução

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz (Ferreira Gullar).

À universidade é atribuída a obscura trilogia do ensino, pesquisa e extensão como marca de indissociabilidade. Mas em geral se prioriza a pesquisa, em prejuízo do ensino e da extensão, como se ambos não fossem flechas de um mesmo arco: o conhecimento como construção.

No mais das vezes, o processo de ensino-aprendizagem está centrado no professor e na sala de aula. O professor fala, o aluno escuta, toma nota e devolve na prova (DEMO, 2011). E o aluno vinga-se na “cola”, que é a perfeição da cópia (DEMO, 2001, p. 137). Isso vai de encontro aos ensinamentos de Paulo Freire, que diz: “[...] nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996). E baseia-se no paradigma educacional dominante em que o professor apenas transmite o conhecimento que deverá ser assimilado pelo aluno. Nesse



processo, não são desenvolvidos o senso crítico e a capacidade de reflexão para a problematização da realidade, muitas vezes distante da sala de aula. Ao modelo educacional baseado nessa dinâmica, Freire denominou de *bancário*, em que o educador seria um depositante e o educando, um depósito de conhecimentos, com a função, prioritariamente, de memorização de algo já acabado.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1982).

Associado a isso, não raro encontra-se aquilo que Libâneo (2008) caracterizou como marcas tradicionais das práticas de ensino:

[...] conteúdos descontextualizados, fragmentação dos saberes, individualismo dos professores, disputa hegemônica entre os campos científicos. A essas características juntam-se algumas consequências: aulas monótonas e predominantemente expositivas que não despertam o interesse dos alunos, formas de avaliação restritas a cobrar a memorização, pouca ligação entre o ensino e a prática, professores inflexíveis no modo de pensar, distanciados das vivências dos alunos e sem capacidade de diálogo ou de sensibilidade para motivá-los. A solução sugerida para melhorar a qualidade do ensino tem sido ministrar formação pedagógica-didática a esses professores. Contudo, alguns estudos no âmbito da pedagogia apontam que as limitações das formas atuais de ensino seriam decorrentes menos da falta de formação pedagógico-didática e mais de um posicionamento epistemológico tácito dos professores, isto é, de um modo de pensar decorrente da visão cartesiana de ciência, que se reflete em aprendizagens parciais, fragmentadas, pouco imaginativas (LIBÂNEO, 2009).

A extensão, por seu turno, em especial a extensão para o rural, é prática, quando é praticada, de uma via de mão única nas comunidades, a exemplo de obras assistenciais, pois quase que invariavelmente desconsidera-se o que pensam, o que sabem, o que fazem e o que desejam as pessoas que vivem nesse meio rural.

Já a pesquisa não é concebida como um instrumento de ensino (DEMO, 2003), mas como um fim em si mesmo (ou para a obtenção do famigerado *qualis*), em que a participação dos estudantes e dos grupos pesquisados muitas vezes aparece mais como mera “mão de obra barata” e objeto da pesquisa do que como agente de reflexão e emancipação.

Freire (1990) nos ensina que:

No uso de instrumentos de pesquisa, a minha opção deve ser libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade. Não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles, como sujeitos também deste conhecimento que, sendo, para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana),



se torna um novo conhecimento. Na perspectiva libertadora em que me situo, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta.

Para nós ensino sem pesquisa é um mero repasse ultrapassado de conhecimento (DEMO, 2003). É uma universidade que apenas ensina está na ordem da sucata, pois herdeira de uma relação perversa, autoritária e vertical em que o professor finge que ensina e o estudante finge que aprende (WERNECK, 1992). Da mesma forma, ensino e pesquisa sem extensão é conceber a universidade como ilha do saber, que cultiva seu próprio “umbigo” como objeto de estimação, desvinculado da realidade.

Segundo Brandão (1999, p. 8) “[...] só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura quando através de um envolvimento — em alguns casos, de comprometimento — pessoal entre o pesquisador e aquilo ou aquele que ele investiga”. Portanto, para lograr êxito, os processos educativos não podem se dar desvinculados da realidade nem tampouco prescindir da figura dos grupos pesquisados e dos próprios estudantes como copartícipes da construção do conhecimento, senão serão meros objetos de ensino, de extensão ou de pesquisa. Isso porque “[...] não se faz antes pesquisa e depois educação, ou vice-versa, mas, no mesmo processo, educação através da pesquisa” (DEMO, 2003).

Um modo de se fazer pesquisa a partir de realidades concretas, com vista a se desenvolver processos educativos transformadores e emancipadores, é a pesquisa-ação. Nesse aspecto, nos alinhamos com a concepção crítica de Franco (2005), que diz:

[...] se essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica.

A pesquisa-ação pode ser definida como (THIOLLENT, 2005, p.14):

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou realização de um problema coletivo e no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esse caráter educativo e transformador também pode ser visto quando se pensa a extensão para o rural em bases agroecológicas. Segundo Caporal (2007) a *extensão rural agroecológica* pode ser definida como:

Um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias de investigação-ação participante, que permitam o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os leve



a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objeto de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, adotando os princípios teóricos da Agroecologia como critério para o desenvolvimento e seleção das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo (CAPORAL, 2007, p. 64).

Ademais, a extensão rural agroecológica também lança mão do aporte metodológico da investigação-ação, conforme o Quadro 1.

Está em curso, desde 2008, no Assentamento Chico Mendes III, um processo de transição agroecológica, que é resultante de parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Tal processo tem implicado mudanças substanciais nas relações, fazeres e saberes do conjunto dos assentados e da equipe da UFRPE.

Vários projetos e programas de pesquisa-ação vêm sendo executados para dar conta de construir, desconstruir, reconstruir concepções, conceitos, valores, sentidos, práticas que a natureza dessas mudanças exige. Reuniões, oficinas, intercâmbios, unidades experimentais agroecológicas, feiras, programas de rádio, estágios de vivência e metodologia camponês a camponês perfazem um contínuo estratégico-metodológico de mediações, negociações, acordos e ações que vem delineando, num horizonte ainda repleto de conflitos e disputas da luta pela terra, os caminhos a se seguir para dela (sobre)viver. E não obstante as incertezas, as contradições, a exclusão, as injustiças e o medo, têm prosperado a esperança, os signos e os sonhos a disposição da vida. E, nesse ínterim, perpassam novos espaços de diálogo, de experimentação, de consensos, de construção de novos conhecimentos e novos momentos de interlocução e ação, cuja experiência remete a um rico e profundo aprendizado e de troca de conhecimentos entre os diferentes atores envolvidos.

É nesse cenário, acredita-se, que estão se dando os primeiros passos para se forjar na prática uma nova extensão rural ou uma extensão rural agroecológica, como bem definiu Caporal (2010). E é precisamente a partir desse cenário, embebido de realidade, que tem se dado o processo educativo que vêm compartilhando estudantes, professores e técnicos ligados ao Grupo de Pesquisa de Agroecologia e o Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal Rural de Pernambuco (GPA – NAC/UFRPE).

Espaços e estratégias educativas



Os processos educativos no âmbito do GPA – NAC primam pelo estudo e intervenção na realidade, em que se envolvem estudantes, professores e técnicos administrativos, mais especificamente no Assentamento Chico Mendes III e na Comunidade de São Lourenço da Mata.

Os espaços educativos promovidos e apoiados pelo GPA – NAC consistem principalmente nas Unidades Experimentais Agroecológicas (UEA) localizadas no Assentamento Chico Mendes III; nas Feiras Agroecológicas Chico Mendes, em São Lourenço da Mata e no Recife; no programa de rádio *Agroecologia*, na rádio Damata FM, em São Lourenço da Mata; e no Grupo de Estudo, hoje Diálogos sobre Agroecologia, e nas unidades produtivas e de vida no Assentamento Chico Mendes III. Também possuem um blog na internet.

As estratégias educativas envolvem processos seletivos transparentes, elaboração de planos de trabalho anual, acordos e tarefas que obedecem a uma rotina semanal, como leituras, reuniões de estudo, relatórios, visitas e intercâmbios, reforçados pelo estágio de vivência no período de férias. E envolvem também mecanismos de acompanhamento de momentos de construção do conhecimento via metodologia camponês a camponês e extensão rural agroecológica.

Processo seletivo

Os estudantes ingressam nos projetos ou programas de pesquisa-ação via processo seletivo, cujos aprovados passam a receber bolsas de extensão. A seleção é amplamente divulgada, transparente e abrangente. O processo seletivo torna-se público com a divulgação de edital no site da UFRPE e também via cartazes afixados no mural do NAC e nos diversos departamentos da universidade.

A seleção consta de uma parte escrita, denominada de *carta de intenção* (eliminatória), de uma entrevista (classificatória) e de análise de currículo (classificatória).

A carta de intenção é avaliada de acordo com os seguintes critérios: conteúdo e estrutura do texto e linguagem; coerência entre os objetivos do candidato e os objetivos do projeto ou programa; domínio de conceitos de Agroecologia, transição agroecológica, movimentos sociais, reforma agrária e assentamentos rurais; capacidade de análise crítica, argumentativa, reflexiva e problematizadora e capacidade de contextualização com a realidade dos assentamentos rurais em Pernambuco.



A entrevista é realizada em grupo de forma coletiva e avaliada por uma banca de professores, que observa o domínio de conhecimentos na área da Agroecologia; a capacidade de resolver problemas e administrar conflitos; a motivação, a postura e a capacidade de trabalhar em grupo; a sensibilidade socioambiental e a demonstração de interesse em atuar na área da Agroecologia.

Na análise do currículo, leva-se em consideração se o candidato está cursando ou cursou Licenciatura em Ciências Agrícolas; a origem rural do candidato (agricultura familiar, assentamento rural); se fez o curso técnico em Agropecuária ou participou de ONG ligada ao tema da Agroecologia; seu envolvimento em projetos de extensão ou pesquisa na área da Agroecologia ou áreas afins; e publicações de artigos, resumos expandidos, cartilhas na área da Agroecologia.

A seleção é aberta para estudantes de todos os cursos da área de ciências Agrárias, que estudam de manhã, mas com preferência (maior pontuação) para candidatos da Licenciatura em Ciências Agrícolas, técnicos em Agropecuária e de origem rural. Essa preferência se justifica pela necessidade de se constituir uma equipe multidisciplinar com experiência de trabalho em grupo e com vivência em comunidades rurais.

Plano de trabalho

Uma vez selecionados, os bolsistas elaboram um plano de trabalho, sob orientação dos professores, que consta de atividades de campo, leituras e reuniões operacionais e de estudo. As atividades de campo dizem respeito às tarefas relativas à execução dos projetos ou programas que estão sendo desenvolvidos no Assentamento Chico Mendes III, nas Feiras Agroecológicas e na rádio Damata FM, a exemplo do que segue:

a) Tarefas no Assentamento Chico Mendes III:

- Auxílio no planejamento da produção animal e vegetal
- Apoio na implantação de UEAs
- Acompanhamento dos camponeses experimentadores nas UEAs
- Desenho e descrição de agroecossistemas (UEAs)
- Acompanhamento e registro de custo, escalonamento, ocorrência de pragas e manejo da produção animal e vegetal
- Acompanhamento e registro da colheita dos produtos de origem animal e vegetal
- Apoio na organização dos intercâmbios internos e externos



- Apoio na produção de pães, bolos, bolachas e pastéis
- Auxílio na sistematização das experiências dos assentados de Chico Mendes III

b) Tarefas nas Feiras Agroecológicas:

- Apoio a visitas técnicas de professores e estudantes ao assentamento
- Organização de cronograma de visitas ao assentamento
- Acompanhamento semanal das feiras
- Realização de pesquisa de opinião sobre intenção de consumo
- Campanhas de divulgação das feiras
- Elaboração de cartilhas com receitas com os produtos das feiras
- Sessões de degustação de pratos preparados com os produtos das feiras
- Organização de visitas de agricultores às feiras agroecológicas
- Organização de visitas dos consumidores das feiras agroecológicas ao assentamento

c) Tarefas do programa de rádio *Agroecologia*:

- Pesquisa de temas atuais na internet e na literatura relativos a Agroecologia, movimentos sociais, reforma agrária, assentamentos rurais, economia solidária, política públicas, técnicas e tecnologias alternativas
- Levantamento e divulgação dos preços e produtos das Feiras Agroecológicas Chico Mendes
- Realização de entrevistas com assentados, agricultores e empreendedores solidários e consumidores agroecológicos
- Realização de entrevistas com professores, representantes de ONGs, sindicatos, instituições de Ater, empreendimentos solidários, incubadoras e secretarias de agricultura estadual e municipal
- Edição semanal de programa de rádio
- Realização de pesquisa de opinião para detectar o grau de aceitação do programa junto à comunidade de São Lourenço da Mata e do assentamento
- Apoio na realização de oficinas de formação de jovens rurais e universitários em radiodifusão com enfoque agroecológico
- Divulgação das feiras e do programa de rádio junto às escolas de Ensino Fundamental e Médio de São Lourenço da Mata

Rotina semanal



A rotina semanal dos bolsistas GPA – NAC pode ser conferida nas informações apresentadas no Quadro 2 no final do documento.

Grupo de estudo

As reuniões do grupo de estudo têm dois objetivos bem definidos:

- 1) estudo de textos com temas relacionados aos projetos e programas, focando a Agroecologia
- 2) questões operacionais relativas à execução dos projetos ou programas, dos procedimentos de campo, das feiras e do rádio e acadêmicos envolvendo as tarefas dos bolsistas e encaminhamentos delas decorrentes.

A pauta das reuniões segue o enunciado no Quadro 3.

Reuniões do grupo de estudo

As reuniões do grupo de estudo são feitas nas manhãs das quintas-feiras com o objetivo de aprofundar o debate sobre teoria no campo agroecológico e sobre a prática dos envolvidos na execução dos projetos e programas.

Leitura, apresentação e debate de textos

A escolha das temáticas é feita em conjunto com os bolsistas. As temáticas em geral têm relação com o tema dos projetos e programas que estão em execução. Contudo, eventualmente, se faz a opção por uma temática que esteja em evidência no momento ou por uma que aborde aspectos que irão responder a algum problema detectado na execução das atividades de campo. A divisão dos temas apresentados é feita por sorteio, mas eventualmente se faz de acordo com a preferência de cada um. Isso ocorre com bastante antecedência, de modo que todos possam ler e se preparar para o debate. Cada reunião tem um apresentador/a e um/a relator/a que se encarregam de organizar e coordenar as atividades. Após a apresentação e o debate entre os bolsistas, é feita uma complementação ou síntese do tema pelos professores.

Questões operacionais

Envolve relatos das experiências e reflexão sobre a prática.



Diálogos sobre Agroecologia

Em 2013, o grupo de estudo sofreu alterações na sua concepção, objetivos e operacionalidade. Dada a demanda de novos associados do NAC e o entendimento da atual diretoria em ampliar o debate com a comunidade acadêmica e a sociedade, resolveu-se transformar o grupo de estudo num espaço de Diálogos sobre Agroecologia. O DSA ocorre de 15 em 15 dias, nas quintas-feiras de manhã. E a ideia é oportunizar o debate sobre as questões que envolvem a Agroecologia, contando com a contribuição de palestrantes da própria UFRPE e entidades parceiras para sua efetivação.

Cadernos de Agroecologia

Um dos produtos do Diálogos sobre Agroecologia serão os *Cadernos de Agroecologia*. Trata-se de uma série editada anualmente pelo NAC, constando da sistematização de palestras, conferências, seminários, etc. resultantes do DSA. Essa sistematização será de responsabilidade dos bolsistas.

Estágio de vivência

O estágio de vivência ocorre durante uma semana inteira no período de férias (Quadro 6). Nessa ocasião, os bolsistas têm oportunidade de se integrar ao convívio de uma família no assentamento para compreender seus costumes, sua rotina de trabalho e de vida. Além disso, são oportunizados momentos de troca de conhecimento em mutirões e oficinas. Mas a maior parte do tempo é utilizada para conhecer a rotina da família.

Guia de observação

É disponibilizado um guia ou roteiro de observação constando de aspectos relativos à unidade de vida e de produção para os estudantes utilizarem durante a vivência no assentamento. Esse roteiro serve também para a elaboração do relatório da vivência exigido ao final do estágio de vivência (apêndice 2). No relatório, também são descritas as atividades desenvolvidas acrescidas de uma avaliação do estágio de vivência.

Metodologia camponês a camponês

- acompanhamento dos processos educativos envolvendo técnicos e camponeses
- acompanhamento dos processos educativos camponês a camponês



- montagem dos roçados com os técnicos do IPA
- roçados tapacurá

Extensão rural agroecológica

Teoria e prática

Alargar os horizontes

Não apenas como reprodução de fazeres e saberes

Capaz de inovar, mas de humanizar a inovação

Por questionamento e consciência crítica, formular e executar projeto próprio e intervir na realidade (Demo, p.10)

Distintivo próprio

Condição de sujeitos e opõe determinantemente a condição de objeto

Privilegiando o saber pensar e o aprender a aprender

Produtos

Os produtos gerados pela ação dos bolsistas envolvem relatórios semanais (apêndice 1), parcial e final, bem como resumos expandidos e eventualmente artigos científicos. Resumos são encaminhados para a *Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão* (Jepex) da UFRPE, *Seminário de Agroecologia de Pernambuco*, *Seminário de Ensino de Extensão Rural*, *Congresso Nordestino de Extensão Universitária*, *Congresso Brasileiro de Extensão Universitária* e *Congresso Brasileiro de Agroecologia*.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, C. R. Pesquisar-participar. In: BRANDÃO C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 7-14.

CAPORAL, F. R. As bases para a extensão rural do futuro: caminhos possíveis no Rio Grande do Sul. In: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA, 2007. p. 49-77.

CLARO, S. A. **Referências tecnológicas, para agricultura familiar**: Interpretação de resultados de análise de solo segundo o método agroecológico. Porto Alegre: Emater/RS – Ascar, 2001.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. 130 p.

_____. **Complexidade e aprendizagem**. A dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001. 272 p.



FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (org.) **Pesquisa participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 35-41.

GOMES, J. C. C. **As bases epistemológicas da Agroecologia**. 16 p.

HOLT-GIMÉNEZ, E. **Campesino a Campesino**: voices from Latin America's farm to farm movement for sustainable agriculture. Oakland, California: Food Firt Books, 2006. 226 p.

LIBÂNEO, J. C. Prefácio. In: SANTOS, A.; SOMMERMAN, A. Complexidade e transdisciplinaridade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LÓPEZ RODRIGUES, E. **Campesino a Campesino Nicaragua**: los principios del promotor voluntario. Managua: Unión Nacional de Agricultores y Ganaderos. 2008. 14 p.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 107 p.

WERNECK, H. **Se você finge que ensina eu finjo que aprendo**. Petrópolis: Vozes, 1992. 87 p.



Quadro 1 - Tipologia da extensão rural

Indicadores	Extensão Rural Convencional	Extensão Rural Agroecológica
Bases teóricas e ideológicas	Teoria da Difusão de Inovações. Conhecimento científico em primeiro lugar.	Desenvolvimento local . Agricultor em primeiro lugar. Resistência dos camponeses .
Principal objetivo	Econômico . Incremento de renda e bem-estar mediante a transferência de tecnologias. Aumento da produção e produtividade.	Ecossocial . Busca de estilos de desenvolvimento socioeconomicamente equilibrado e ambientalmente sustentável. Melhora das condições de vida com proteção ao meio ambiente.
Compreensão sobre meio ambiente	Base de recursos a ser explorada para alcançar objetivos de produção e produtividade. Aplicação de técnicas de conservação.	Base de recursos que deve ser utilizada adequadamente de forma a alcançar estabilidade nos sistemas agrícolas. Tentativa de evitar ou diminuir impactos ao ambiente e aos estilos de vida.
Compreensão da agricultura	Aplicação de técnicas e práticas agrícolas. Simplificação e especialização.	Processo produtivo complexo e diversificado , em que ocorre a coevolução das culturas e dos agroecossistemas.
Agricultura sustentável	Intensificação verde . Aplicação de tecnologias mais brandas e práticas conservacionistas em sistemas convencionais.	Orientação agroecológica. Tecnologias e práticas adaptadas a agroecossistemas complexos e diferentes culturas .
Metodologia	Para transferência de informações e assessoramento técnico. Participação funcional dos beneficiários.	Para recuperação e síntese do conhecimento local, construção de novos conhecimentos. Investigação-ação participativa.
Comunicação	De cima para baixo. De uma fonte a um receptor.	Diálogo horizontal entre iguais. Estabelecimento de plataformas de negociação.
Educação	Persuasiva. Educar para a adoção de novas técnicas. Indução ao câmbio social.	Democrática e participativa. Incremento do poder dos agricultores para que decidam.
Papel do agente	Professor . Repassar tecnologias e ensinar práticas. Assessor técnico.	Facilitador . Apoio à busca e identificação de melhores opções e soluções técnicas e não técnicas.

Adaptado de Caporal (2007, p. 76).



Quadro 2 – Rotina semanal dos bolsistas GPA – NAC

Tarefas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Leitura de textos	8h – 12h					
Visitas ao assentamento		7h – 16h*	7h – 11h			
Participação nas reuniões				8h – 12h		
Visita às feiras					6h – 9h	6h – 8h
Entrevista no programa de rádio		8h – 12h				
Edição do programa de rádio			8h – 12h			
Execução do programa de rádio					8h30 – 9h30	
Elaboração de relatório semanal					10h – 12h	

* Reunião dos assentados com a coordenação dos projetos e programas.

Quadro 3 – Pontos de pauta das reuniões

Parte	Descrição	Horário
1	Informes	8h – 8h30
2	Apresentação de texto e debates	8h30 – 10h
3	Atividades operacionais	10h – 11h30
4	Encaminhamentos	11h30 – 12h



Quadro 4 – Programação do grupo de estudo realizado em 2012

Assunto	Apresentador(a)	Relator(a)	Data
Reunião com camponeses experimentadores e bolsistas no assentamento	Assentados Jorge Mattos	Todos	28.03
Transição agroecológica no Assentamento Chico Mendes III via projetos	Jorge Mattos	Emanuel	12.04
Tarefas dos bolsistas	Jorge Mattos	Geraldo	19.04
Tema: Pesquisa-ação TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e pesquisa , v. 31, n. 3, p. 443-466. 2005.	Geraldo	Caio	03.05
Tema: Metodologia camponês a camponês MOÇAMBIQUE. Metodologia camponês a camponês : manual para técnicos. Beira, 2007. 41 p.	Caio	Rafaela	10.05
Tema: PAA RAMOS, V. As perspectivas e problemas do Programa de Aquisição de Alimentos. Entrevista com BRUNETTO, E. Cuiabá: MST, 2010. CONAB/MAPA. Oficina de documentação participativa do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da agricultura familiar – Região Nordeste . Relatório síntese. Fortaleza, 2006. 46 p.	Danilo	Tulio	17.05
Tema: Pnae	Tulio	Heitor	24.05
Tema: Circuitos curtos de comercialização KÜSTER, A. (coord.). Agroecologia entrando nos mercados . Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2010. 44 p. (Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado, 7).	Renata	Danilo	31.05
Tema: Feiras VELASQUÉZ RAMOS, S. Manual para la organización de ferias de productores locales - desde un enfoque de promoción del desarrollo económico local. Lima: OIT, 2006. 79 p.	Girlaine	Renata	14.06
Tema: Feiras BLOCH, Didier. Agroecologia e acesso a mercados – três experiências na agricultura familiar da Região Nordeste do Brasil. Recife: Oxfam, 2008. 193 p.	Danilo	Girlaine	21.06
Entrega relatório parcial	22.06		



Tema: Feiras DI LORENZO, I. D. N.; RODRIGUES, M. F. F. A Feira Agroecológica: um projeto de comercialização para assentamentos rurais – o caso do PA-1 Dona Helena. In: Simpósio Nacional de Geografia Agrária , 3, Anais. Presidente Prudente: 2005. 10p.	Rafaela	Geraldo	28.06
Tema: Legislação sobre sistemas de produção orgânico BRASIL. Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003 . Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. 2 p. BRASIL. Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007 . Regulamenta a Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. 23 p. MAPA. Instrução Normativa nº 46, de 6 de outubro de 2011 . 32 p.	Tulio Danilo Renata	Caio	18.10
Tema: OCS BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Controle social na venda direta ao consumidor de produtos orgânicos sem certificação . Brasília: Mapa/ACS, 2008. 24 p.	Danilo	Rafaela	12.07
Regimento interno de produção e comercialização	Heitor	Tulio	19.07
Semana de visita a família	Todos	Todos	23-27.07
Estágio de vivência no assentamento	Todos	Todos	30-03.07
Tema: Movimentos sociais do campo	Tulio	Heitor	02.08
Tema: Reforma agrária SIGAUD, L.; ROSA, M.; MACEDO, M. E. Ocupações de terra, acampamentos e demandas ao Estado: uma análise em perspectiva comparada. Revista de Ciências Sociais , v. 51, n. 1, p. 107 - 142. 2008.	Caio	Danilo	09.08
Tema: Assentamentos rurais MEDEIROS, L. S. As novas faces do rural e a luta por terra no Brasil contemporâneo. Nômadias . p. 210-219.	Rafaela	Renata	16.08
Tema: Plano de Desenvolvimento de Assentamento (PDA)	Danilo	Girlaine	23.08
Ater/Ates em assentamentos	Girlaine	Geraldo	30.08



Cooperativismo-associativismo em assentamentos	Rafaela	Caio	06.09
Participação na Jepex	Todos		
Tema: economia ecológica CAVALCANTI, C. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. Estudos Avançados , v. 24, n. 68, p. 53-67, 2010.	Caio	Tulio	13.09
Tema: Economia solidária GAIGER, L. I. G. A associação econômica dos pobres como via de combate às desigualdades. Caderno CRH , v. 22, n. 57, p. 563-580. 2009.	Girlaine	Rafaela	20.09
Tema: Economia solidária LEITE, M.P. A economia solidária e o trabalho associativo. Teorias e realidades. Revista Brasileira de Ciências Sociais , v. 24, n. 69, p. 31-51. 2009.	Rafaela	Tulio	27.09
Tema: Campesinato WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: Encontro Anual da Anpocs. GT 17. Processos Sociais Agrários, 20, Caxambú, 1996. Anais. Caxambu, MG: Anpocs. 1996. 18 p.	Geraldo	Heitor	04.10
Tema: Ciências SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 92 p.	Heitor	Danilo	11.10
Tema: Agroecologia GOMES, J. C. C. As bases epistemológicas da Agroecologia. In: GOMES, J. C. C. O pluralismo metodológico en la producción y circulación del conocimiento agrario. Fundamentación epistemológica y aproximación empírica a casos del sur de Brasil. 1999. 16 p.	Caio	Renata	18.10
Tema: Agroecologia CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA, 2004. 24 p.	Heitor	Girlaine	25.10
Tema: Transição agroecológica SCHIMITT, C. J. Transição agroecológica e desenvolvimento rural. In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. São Paulo: Expressão popular. p. 177-203.	Geraldo	Tulio	01.11
Tema: Agrotóxicos	Danilo	Caio	08.11



LONFRES, F. Agrotóxicos no Brasil . Um guia para a ação em defesa da vida. Rio de Janeiro: ANA, 2011. 190 p.			
Tema: OGM LACEY, H. Há alternativa ao uso dos transgênicos. In: Novos Estudos , v. 78, p. 31-39, 2007.	Girlaine	Rafaela	22.11
Tema: Banco de sementes AS-PTA. Semente crioula : cuidar, multiplicar e partilhar. Passo Fundo: Battistel, 2009. 41 p.	Tulio	Geraldo	29.11
Tema: Qualidade dos alimentos CRUZ, F. T.; SCHNEIDER, S. Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais. Revista Brasileira de Agroecologia , v. 5, n. 2, p. 22-38, 2009.	Rafaela	Heitor	06.12

Quadro 5 – Programação do Diálogos sobre Agroecologia

Tema	Palestrante	Instituição	Data
Conversas sobre Agroecologia – uma introdução	Francisco Roberto Caporal	NAC	21.02
Conversas sobre Agroecologia – conceitos, princípios e epistemologia	Francisco Roberto Caporal	NAC	07.03
Conversas sobre Agroecologia – transição agroecológica	Francisco Roberto Caporal	NAC	21.03
A metodologia camponês a camponês	Jorge Luiz Schirmer de Mattos	NAC	04.04
A elaboração da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica e seus impactos na agricultura familiar camponesa	Alexandre Henrique Bezerra Pires	Centro Sabiá	18.04
O papel do campesinato na construção do conhecimento agroecológico	Jorge Roberto Tavares de Lima	NAC	02.05



Quadro 6 – Programação da vivência no Assentamento Chico Mendes III – 13 a 17/05

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
M a n h ã	Mutirão poda pomar Facilitador: Flávio Duarte	Mutirão manejo agrofloresta Facilitador: Jones Pereira	Oficina de enxertia Facilitador: Antonio Lima	Acompanhamento da colheita e preparação dos produtos para a feira	Acompanhamento da feira Avaliação da atividade
T a r d e	Envolvimento nas atividades de rotina da família	Envolvimento nas atividades de rotina da família	Envolvimento nas atividades de rotina da família	Envolvimento nas atividades de rotina da família	-----
N o i t e	Leitura e discussão do regimento de produção e comercialização do assentamento	Leitura e discussão do regimento de produção e comercialização do assentamento	Leitura e discussão do regimento de produção e comercialização do assentamento	Roda de poesia	-----



	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO NÚCLEO DE AGROECOLOGIA E CAMPEPINATO GRUPO DE PESQUISA EM AGROECOLOGIA	
---	---	---

RELATÓRIO SEMANAL

NOME:

DATA:

LOCAL:

PESSOA(S) CONTATADA(S):

OBJETIVO(S):

--

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

--

COMENTÁRIOS E SUGESTÕES:

--

PRODUTO/RESULTADO:

--



APÊNDICE 2

GUIA DE OBSERVAÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

- O quê? Quando? Onde? Como?
- Mencionar aspectos que serão abordados no corpo do relatório-diagnóstico da unidade de vida, de produção e de consumo, atividades desenvolvidas, etc.
- Objetivo

2 - DIAGNÓSTICO DA UNIDADE DE VIDA E DE PRODUÇÃO

2.1 - Unidade de vida

- Nome do agricultor:
- Nome da agricultora:
- Endereço e nome do sítio:
- Composição da família (que vive na unidade):
 - pessoas adultas:
 - menores (0-15):
- Qual o histórico de vida da família?
- Como é a vida dessas pessoas hoje?
- Qual a cultura, os conhecimentos, as prioridades?
- Qual o papel da mulher, dos jovens, dos mais velhos?
- Quais os espaços dos homens, das mulheres, dos jovens?
- Como se dá o processo de aprendizagem na família?
- Quais as leituras que a família faz da natureza? Por exemplo, como veem a mata ciliar, as árvores, os animais silvestres (pássaros, cobras, capivara, etc.), água, solo/mãe terra.
- Como conseguiram a terra?
- Desde quando trabalham na perspectiva de base agroecológica?
- Estão em processo de transição? Sob quais aspectos?
- Quais os sonhos da família?

2.2 - Unidade de produção

- Como se organiza a unidade de produção? (Fazer um croqui da área)



- Qual o histórico da unidade de produção?
- - Qual a área total do sítio (ha)?
 - Qual a área de roçado?
 - Qual a área de fruteiras?
 - Qual a área de pasto/capim?
 - Qual a área de capoeira/mata?
 - Qual a área para outros usos?
- Qual a situação da terra (o solo está cansado, fraco, tem sinais de erosão ou está conservado)?
- Quais as práticas agrícolas que desenvolve (utiliza queimadas, usa agrotóxicos, cobertura morta, podas, plantio de leguminosas, etc.)?
- Qual a disponibilidade de recursos hídricos, equipamentos, instalações. Quais as finalidades?
- Criam animais? Tipo, quantidade, finalidade:
- Fazem plantio? Tipo, quantidade, finalidade:
- Trabalham e manejam a capoeira, mata?
- Realizam podas?
- Produzem suas próprias sementes, mudas? Trocam sementes e mudas com vizinhos?
- Fazem plantio direto?
- Recolhem semente de árvores nativas?
- Qual o conhecimento etnobotânico dos(as) agricultores(as) [seu conhecimento da vegetação e seu uso, por exemplo: plantas de uso medicinais, madeira, lenha, etc.]?
- Quais os saberes tradicionais da família? Por exemplo, como estimam quantos sacos de feijão ou macaxeira uma determinada área pode produzir? Quantos kg de fruto uma produz?
- A mulher cuida de certos espaços na unidade produtiva? Por exemplo, pequenos animais, a horta ou o quintal no entorno da casa? Indústria caseira?
- Comercialização (direta ou indireta – atravessadores) (Produtos *in natura*, beneficiados). Quais produtos (quantidade, qualidade)?
- Contrata mão de obra para trabalhar (quem, quantos, que época)?



- Qual a renda que consegue com a produção (média em salários-mínimos por mês)?
- Qual a renda de fora da propriedade? Por exemplo, aposentadoria, Bolsa Família.
- Qual a importância da renda de fora?

3 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Conforme as anotações feitas durante a vivência, relatar e detalhar as principais atividades visualizadas, acompanhadas na propriedade.
- Sugestões de melhorias.

4 - AVALIAÇÃO DA VIVÊNCIA

- Aspectos relacionados a aprendizagem, novos conhecimentos, valores, crescimento pessoal e formativo, etc.
- Comentar se a vivência realizada foi satisfatória, se o tempo foi suficiente, como sentiu o contato com a família, com os demais assentados.
- Fazer uma correlação entre a vivência (prática) e os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de graduação.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Deve responder se os objetivos foram alcançados.
- Mencionar quais os aspectos mais marcantes, relevantes da experiência vivenciada.